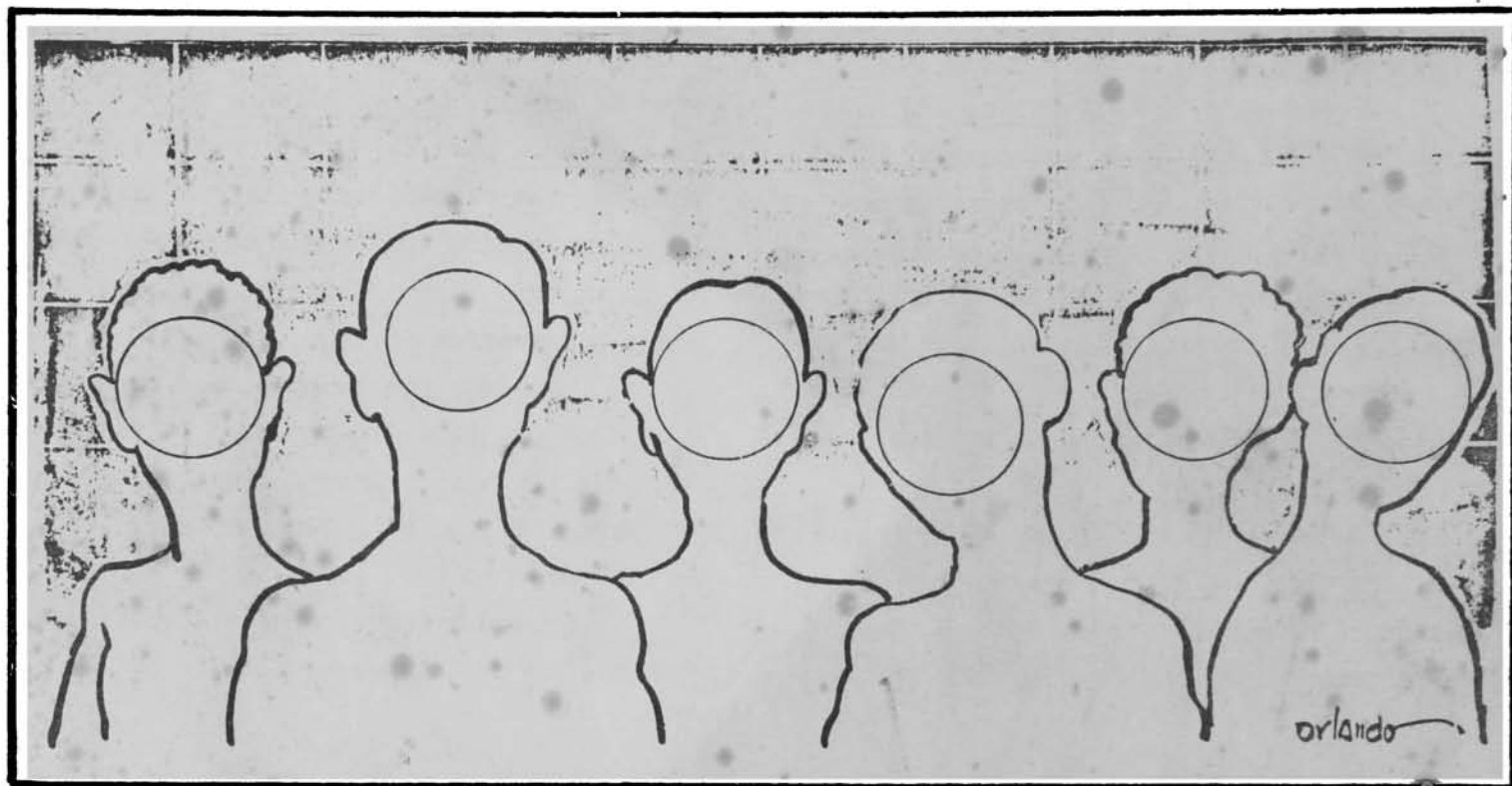


O BISTURI

ANO 48

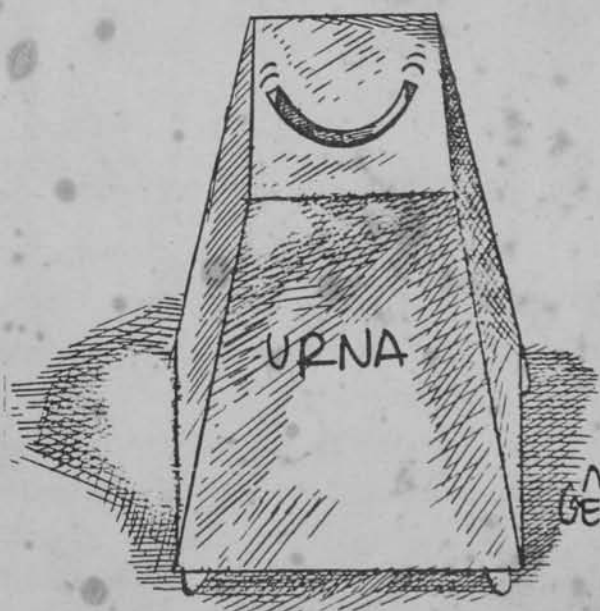
ORGAO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ

nº 3



BISTURI - PESQUISA

ELEIÇÕES
DIRETAS
NA
UNIVERSIDADE



HU : ser ou não ser

EDITORIAL

O Bisturi reaparece nesse segundo semestre. Reaparece, entretanto, com propostas novas e novas idéias.

A primeira idéia: artigos assinados. Estamos abrindo um espaço no Bisturi para que as pessoas da escola escrevam colocando suas opiniões sobre as questões mais variadas. Estes artigos, sendo assinados, teriam caráter diferente daqueles sem assinatura, que seriam assumidos pela redação do Bisturi, refletindo a linha editorial do mesmo;

Outra proposta. Vamos tentar reativar a sala do Bisturi, em breve estaremos pintando, limpando e reorganizando este espaço para permitir um local específico para o

nosso jornal. (Quem quiser aparecer para ajudar é bem-vindo).

Além disso, estamos chamando as pesoas da escola, principalmente o pessoal do 1º e 2º anos para as nossas reuniões semanais, às 5as feiras, meio-dia, na Sala de Reuniões do CAOC (por enquanto) e futuramente na própria sala do Bisturi - escondida entre os armários do CAOC.

Devemos nos lembrar, que "O Bisturi é um instrumento muito precioso para a escola, pois tem a oportunidade de estar ao mesmo tempo, no ICB, na FMUSP e no HC (e brevemente também no HU).

Traga informe sobre suas classes, ou assuntos de interesse.

A MORTE DO PROF. LEFEVRE

Faleceu um professor titular da FMUSP. Mas dessa vez o fato causou alguma coisa mais que a habitual indiferença - reflexo do distanciamento da maioria deles em relação à comunidade acadêmica, protegidos na estrutura autoritária da universidade.

Dessa vez sentiu-se um verdadeiro pesar, por que tratava-se de um professor que aliava à sua notória importância no

campo científico, uma ativa militância em favor de uma Medicina mais digna e um ensino médico decente, além de sua postura sempre democrática.

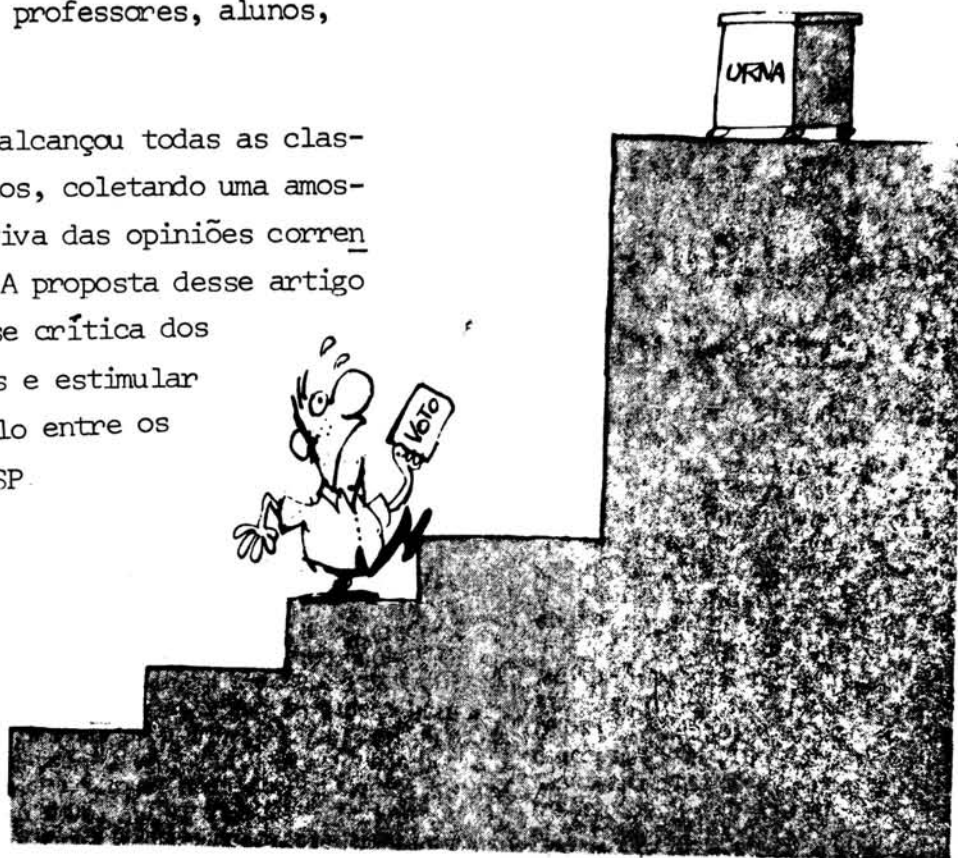
Com a morte do prof Lefevre, os estudantes da FMUSP perdem um dos raros professores sensíveis a seus interesses e solidário com suas reivindicações.

A ESCOLA SE PRONUNCIA

- ELEIÇÕES PARA REITOR E DIRETOR : SIM OU NÃO ?

- O BISTURI organizou um plebiscito entre os alunos da escola, colocando a seguinte questão: você é a favor ou contra as eleições diretas para os cargos decisórios na Universidade? Se é a favor, quem acha que deveria votar: professores, alunos, funcionários?

- Este plebiscito alcançou todas as classes de todos os anos, coletando uma amostragem representativa das opiniões correntes nessa escola. A proposta desse artigo é fazer uma análise crítica dos resultados obtidos e estimular o debate mais amplo entre os estudantes da FMUSP.



- A grande maioria dos entrevistados é favorável às eleições diretas para os cargos de poder na Universidade. Em grande parte, os argumentos favoráveis são pautados na existência de uma verdadeira democracia na Universidade, se bem que em respostas como "é claro", "é óbvio porque é mais democrático" ou porque "é mais lógico" não foi aprofundada devidamente a questão.

Quanto aos votos contrários às eleições diretas, seus defensores alegam "falta de consciência para votar" ou que

"iria dar bagunça" ou ainda que "não se deve entrar no jogo sujo da política".

- No ponto específico quem deve votar nessas eleições, tivemos várias combinações:

a) professores, alunos e funcionários = todos os interessados e atingidos pelas decisões de um diretor ou reitor.

Esta obteve a ampla maioria de votos.

b) professores e alunos = os funcionários não estão envolvidos diretamente nas questões principais da Universidade.

Esta obteve número considerável de votos.

c) apenas professores

d) apenas alunos

Estas duas últimas com uma votação mínima.



- Os defensores do voto para professores, alunos e funcionários alegam, de maneira geral, que todas as categorias envolvidas nos trabalhos e na vida da Universidade deveriam influir nos caminhos e participar das decisões relativas à mesma.

- Entretanto, um bom número de pessoas alega que os funcionários não devem participar nessa escolha, porque "eles não estão diretamente ligados aos problemas universitários" ou ainda porque "eles não tem consciência suficiente" ou porque "eles seriam facilmente manipulados" por interesses eleitorais"

- Existe até quem acredite que os alunos não devem participar desse processo por motivos análogos como "falta de consciência" ou "por serem facilmente manipulados ou enganados" ou "se deixarem enganar facilmente por promessas populistas" ou ainda por "não conhecerem bem os candidatos" e ainda mais porque "ia dar baderna"

- Alguns defendem que só os professores, por serem "mais conscientes", deveriam votar, pois afinal de contas eles são "as pessoas mais importantes na Universidade".

- Os resultados dessa pesquisa trazem à tona uma reflexão de importância fundamental para nós, especialmente agora quando se aproxima a época de mudança do reitor da USP e do diretor da FMUSP :

1) É urgente que se instale um processo amplo de discussão na Universidade a respeito dessa questão: eleição direta ou não? É fundamental que todos não aprofundemos os debates para perceber quais são as consequências de um processo de eleições diretas, democráticas, onde participem as categorias envolvidas na Universidade. Quais as mudanças que isto acarreta?



É importante também que entendamos com maior maturidade política quais são os interesses em jogo quando se insiste em manter a Universidade sob a tutela do governo, porque atualmente os homens que devem ocupar os cargos de direção da Universidade de São Paulo são apontados e escolhidos à dedo pelo Governador do Estado, a quem este tipo de escolha favorece.

Compreender melhor o papel da Universidade na vida política do país e as consequências políticas de uma Universidade democrática, bem como a função da mesma na construção de uma sociedade nova, que supere as desigualdades e divisões; é um requisito básico para se poder pensar na questão: eleição direta para diretor e reitor, sim ou não?



2) No ponto quem deve votar, algumas coisas se destacam na análise das respostas. Há pessoas que excluem os funcionários e até mesmo os alunos do processo decisório.

Quais as implicações dessa exclusão?

Aqui se apresenta um ponto fundamental, que reflete bem como nós, alunos da FMUSP, nos colocamos perante a sociedade como um todo.

- A exclusão dos funcionários, argumentando sua falta de consciência, desmascara uma atitude muito antiga frente à participação das camadas populares nas decisões do país. A alegação de que os funcionários "são facilmente manipuláveis" e que "eles não têm consciência suficiente" reflete uma ideologia muito comum entre nós, alunos, que na grande maioria pertencemos às classes mé-

dias e altas.



— Novo modelo de urna para eleições indiretas. Sem buracinho para votos.

Na verdade, este tipo de visão se revela altamente elitista, reservando às classes "mais diferenciadas" (Como os médicos costumam dizer por aí) o direito de decidir os rumos do país e de suas instituições. Na verdade, às vezes falta para nós uma visão mais ampla e profunda a realidade social.

- O fato dos funcionários não terem relação direta com os problemas universitários não os exclui da participação na escolha dos cargos de direção da Universidade: afinal, os funcionários serão atingidos também pelas decisões dos reitores e diretores. Ou há alguma dúvida quanto a isso?

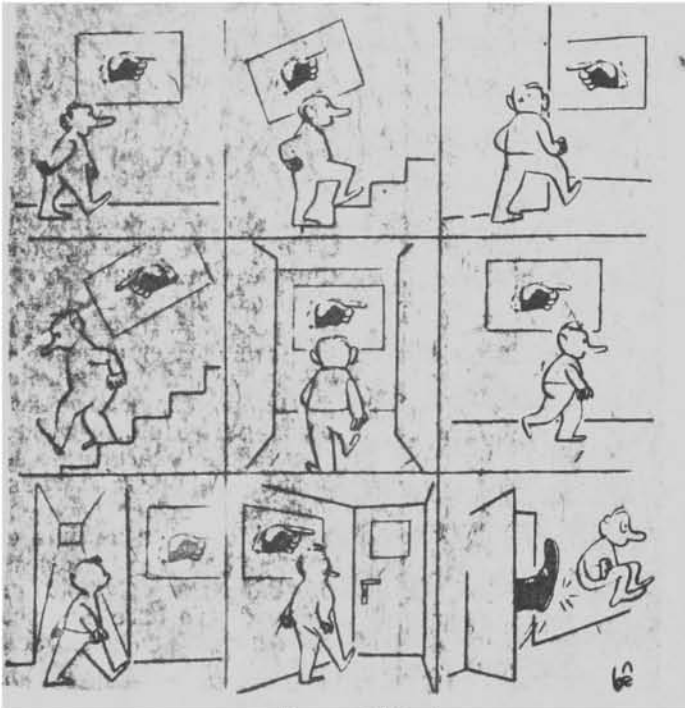
- Mais surpreendente, porém na mesma linha, é a exclusão de nós mesmos, estudantes, dessa eleição, alegando que "ia dar bagunça" e que os professores são "mais conscientes, maduros e experientes" e "só eles devem votar".

Este tipo de visão é também tremendamente acomodado, na medida em que reforça a antiga idéia de que "obrigação de estudante é estudar" e que desacredita da nossa capacidade de conhecer, participar e decidir os rumos da Universidade onde estudamos.

HU : o sex é o não-sex em etexno devir

- No dia 6 de agosto de 1981, agora, foi inaugurado o H.U. Inaugurado uma vírgula; foram inauguradas "as atividades do HU"

O hospital em si já havia sido inaugurado pelo Gov. Paulo Egídio, em 78. Agora, o gov. Paulo Maluf apenas deu o toque final e "inaugurou as atividades" do HU. Foi uma festa à la véspera de eleição, com discursos, banda, padre e tu do mais. Estavam presentes o governador Maluf, o prefeito Reynaldo de Barros, o reitor Waldir Muniz Oliva, o prof Mário Ramos, etc., etc., etc.



- Passemos agora à realidade.

Como e porquê foi inaugurado o HU?

Como todo mundo sabe, o HU foi projetado originalmente para o curso de medicina experimental que existia na FMUSP; sua finalidade básica era prestar atendimento de segunda linha à população do Butantã (o atendimento em primeira linha ficaria a cargo do C.S.B.) e ao mesmo tempo ser um hospital-escola para os alunos do experimental.

Como todo mundo sabe, em 1975 o experimental acabou, veio a fusão, o "plano Marcondes" faliu. O HU se transformou num elefante branco. Ninguém sabia o que fazer com ele.

O hospital ficou às moscas enquanto alguém procurava uma função para ele. Milhões de cruzeiros em material hospitalar eram entregues de graça aos ratos e baratas: dezenas de microscópios modernos, 180 equipamentos odontológicos completos (dos mais modernos), um tomógrafo, uma câmara de raios gama e sabe Deus mais o quê ficaram sem uso e estavam condenados à inutilidade: iam estragar por falta de uso.

Nesse interim, as discussões deliberativas do hospital eram palco de acirrado combate: cada um queria fazer do HU o que bem entendesse. No Conselho Deliberativo estão presentes professores titulares das faculdades de Medicina, Odonto, Psicologia, Bioquímica, um representante do ICB, isto é das áreas ligadas a uma possível atividade no campo da saúde. É claro que a FMUSP sempre quis ter o domínio dessas comissões, e é claro, do HU. Alguns professores da nossa faculdade tinham planos concretos para o HU: o próprio prof. Giorgy Böhm, numa entrevista a este BISTURI, declarou que pretendia lançar a proposta de transformar o HU no centro de ensino da graduação da FMUSP, transferindo toda a pós-graduação para o HC, que seria a primeira escola de 4º grau do país.

Além desse, muitos outros planos passavam pela cabeça dos representantes da FMUSP no HU.

Entretanto, durante as férias de janeiro de 81, a reitoria da USP, num piscar de olhos, em atitude claramente guiada pelos fios invisíveis do palácio dos Bandeirantes, dissolveu os Conselhos Deliberativo e Diretor do HU e reconstruiu estes conselhos com uma composição diferente, certamente de acordo com alguma estratégia bem definida.

Para presidente do Conselho Diretor, foi escolhido o prof. IRANI NOVAH MORAES. Esta foi uma surpresa enorme: o prof. Irani é da Faculdade de Medicina - participava do Departamento de Cirurgia, mas foi afastado por ser "persona non grata" - mas o seu cargo de titular (que é necessário para a participação nos Conselhos do HU) foi obtido - ninguém sabe como - pela Faculdade de Educação Física (ele era titular dessa escola e nunca aparecia lá). A justificativa para a escolha do prof. Irani foi que "ele tinha curso de administração hospitalar feito no exterior".

A superintendência do HU ficou com a profa. Iurdes da Escola de Saúde Pública. A presidência do Conselho Deliberativo foi colocada em votação logo na primeira reunião da nova composição, com a vitória do Prof. Mário Ramos de Oliveira.

Assim, num piscar de olhos, tudo mudou - mas nada mudou ao mesmo tempo: os Conselhos do HU continuaram existindo, mas a sua composição foi profundamente alterada. A principal alteração, sem dúvida: a FMUSP perdera a maioria absoluta (2/3) que desfrutava na antiga composição. Mesmo assim, continuava com a maioria simples, mas esta maioria só era conquistada com o voto dos representantes discentes (dois dos representantes discentes da Congregação da FMUSP têm assento no Conselho Deliberativo do HU) - e isto não era um grande negócio para os grandes da FMUSP.

- Entretanto, tudo foi caminhando de novo e o hospital foi sendo ativado aos poucos: apareceram as verbas, tudo se tornou fácil, todos os obstáculos desapareceram misteriosamente. Em cerca de 8 meses, o novo Conselho Deliberativo colocava o HU para funcionar, numa cerimônia presidida pelo gov. Paulo Maluf. Mera coincidência?

- Portanto, agora o HU existe e funciona.



Até o final do ano será ativado todo o 1º andar do hospital, com atendimento na área de Pediatria. Quem vai trabalhar no HU? Médicos, enfermeiras, atendentes, nutricionistas, etc. contratados em regime de CLT*.

- O Conselho Deliberativo promete o 2º andar funcionando no final de 82, com atendimento em Ginecologia e Obstetrícia.

- E quanto ao ensino? Eles não sabem direito, esta é a verdade. O plano é colocar o HU para funcionar, depois pensar em ensino e, por último, em pesquisa. O prof. Eduardo Marcondes promete o internato de Pediatria de 82 já no HU. Em 83, talvez alguns outros estúdios.

Como se vê, o HU ainda continua sendo uma incôgnita.

- Esta característica misteriosa do hospital ainda vai dar o que falar. Como tudo ainda é tão indeterminado, podemos aguardar muitas surpresas pela frente.

Surpresas como a do prof Puech Leão, titular de Cirurgia Vasculuar, que na última reunião da Douta Congregação da FMUSP fez um rigoroso discurso contra a reforma universitária e contra a desagregação do Hospital das Clínicas e propôs nada mais nada menos que o seguinte: "não permitamos que nada mais saia da nossa escola, não permitamos que nenhuma clínica se mude para o HU"

É uma declaração aterradora. Ainda mais porque ela teve o apoio caloroso de muitos congregados. E o prof Puech Leão promete propostas efetivas para impedir que qualquer porção da FMUSP vá para o HU.

- Portanto, vê-se que há muito que discutir e muito pelo que brigar. O HU, ainda que inaugurado, parece que não é ainda definitivo. Ele continua sendo alvo de muitos e muitos interesses pessoais e mesquinhos, continua a ser um eterno vir-a-ser.

A SEGUIR, O DOCUMENTO ENVIADO À CONGREGAÇÃO PELO PROF. PUECH LEÃO SOBRE NOSSA (NÃO) PARTICIPAÇÃO NO HU.

A Congregação da Faculdade de Medicina da U.S.P. :

Considerando que:

1 - A liderança incontestada que esta Faculdade adquiriu no sistema educacional médico do Brasil teve suas bases solidamente firmadas, desde o início, na excelência do seu curso básico com professores em tempo integral, na limitação do número de matrículas e na concentração do ensino clínico em um único hospital, primeiramente na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, nos últimos 36 anos, no seu Hospital das Clínicas;

O que será do HU?

O que será dos alunos da FMUSP?

- Se todos nós não ficarmos muito atentos, muito alertas, talvez nunca exista definitivamente o HU, talvez ele fique apenas sendo uma instituição cabide-de-empregos do palácio dos Bandeirantes e nós nunca sintamos nem o seu cheiro.

Ou talvez o professor Carlos da Silva Lacaz transfira para lá o Museu da Faculdade de Medicina. Quem sabe?

*Os médicos contratados pelo HU vão ganhar muito pouco: são contratados como DOCENTES NIVEL II da USP, salário em torno de Cr\$ 45 mil; por isto se levantou a questão de que este salário é incompatível c/a sobrevivência. Foi argumentado, para alegria do Conselho, que os mesmos não trabalhariam em regime de dedicação exclusiva e seu período integral não será rigidamente observado (vide assistentes HC).



2 - Essa liderança já sofreu grande abalo com a supressão de um dos seus alicerces, quando em consequência da reforma universitária de 1969 foram retirados desta Faculdade os dois primeiros anos, correspondentes às Disciplinas Básicas, que passaram para o Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade, fora do seu controle administrativo, organizacional e didático. Com isso ficou grandemente prejudicado o preparo dos alunos que passaram a ingressar no ciclo clínico sem a formação básica que anteriormente recebiam. Extinguiu-se o intercâmbio que existia entre os laboratórios de anatomia, fisiologia, microbiologia, parasitologia, etc. e os serviços clínicos, do qual resultaram no passado numerosos trabalhos de pesquisa aplicada e teses elaborados em conjunto. Em substituição foram criados os laboratórios de investigação médica do Hospital das Clínicas, que continuam propiciando do pesquisas, mas agora isolados e praticamente destituídos

da indispensável atividade didática;

3 - Parcialmente teve início a descentralização dos serviços clínicos do Hospital das Clínicas, com a instalação de Institutos isolados para algumas especialidades, o que veio também prejudicar, embora parcialmente, o saudável intercâmbio existente entre as várias áreas clínicas do H.C. Fala-se agora na transferência de outras clínicas para o Hospital Auxiliar de Cotoxó e para o Hospital Universitário, ambos a alguns quilômetros de distância do Hospital das Clínicas. Move-se assim o progressivo esvaziamento do HC, cuja função concentradora do ensino clínico foi grande fator de liderança da Faculdade, para dispersar os seus serviços por várias unidades de precária comunicação entre si;

4 - Pretende-se agora engajar a Faculdade ao Hospital Universitário. Esse Hospital, idealizado para servir ao antigo Curso Experimental, extinto na unificação dos cursos, perdeu sua razão de existência para a Faculdade. Ele não é necessário ao ensino médico, que poderá continuar a ser feito, como sempre, integral e unificadamente no Hospital das Clínicas, grande complexo hospitalar de cerca de 2.000 leitos com a grande vantagem da concentração geográfica atual. A presença da Faculdade no Hospital Universitário, destinado agora a servir de campo de ensino a vários tipos de profissionais não médicos, representa apenas uma ilusória questão de prestígio que trará inúmeros prejuízos ao ensino médico e, certamente, contribuirá para a perda da liderança tão arduamente conquistada e mantida até o presente;

5 - De fato, a Faculdade jamais terá o controle do Hospital Universitário. Dele participará como condômino com outras Unidades universitárias que serão majoritárias na sua ocupação administrativa, com elas dividindo as responsabilidades administrativas, mas certamente atraindo sobre si as responsabilidades pelas suas eventuais falhas. Ainda que mantenha maioria nos órgãos decisórios, essa maioria será aleatória, podendo ser a qualquer hora eliminada pelo Conselho Universitário onde ela tem representação mínima. Além disso, os segundo e terceiro escalões terão sempre a predominância das outras Escolas, que acabarão por nortear a política administrativa e didática do Hospital;

6 - O engajamento da Faculdade de Medicina no Hospital Universitário terá, como consequência, a dispersão do ensino e da orientação assistencial. Já perdemos os alunos dos dois primeiros anos de graduação para o I.C.B., com prejuízo do preparo dos estudantes que agora iniciam o ciclo clínico com base menos sólida do que outrora. Estamos agora ameaçados de perder também os alunos do 3º e do 4º ano que, com fundamento na falsa premissa de que só assim poderemos formar médicos generalistas, serão encaminhados ao Hospital Universitário. Provavelmente perderemos depois, ao menos parcialmente, os internos de 5º e de 6º ano e residentes. E assim, gradativamente, ficaremos sem estudantes. O Hospital das Clínicas

sem estudantes ficará igualado a tantos outros hospitais gerais por aí existentes, limitados a dar assistência de massa e, eventualmente, ensino pós-graduado. Os estudantes que constituem a juventude irrequieta, curiosa e sedenta de aprender, são a mola mestra que mantém os docentes atualizados e desejoso de progresso científico. Sem estudantes, desaparece a principal motivação que induz os docentes a se manterem atualizados, a pesquisar e a estudar, para melhor poder ensinar. Não bastasse essa catástrofe, os Srs. Professores terão que deslocar parte dos seus Docentes para o H.U., com risco de introduzir no ensino a dualidade de orientação didática e científica. Dessa forma, o engajamento da Faculdade no Hospital Universitário representa o esvaziamento didático e científico do Hospital das Clínicas, que sossobrará, levando consigo a Faculdade de Medicina e a sua conquistada e invejada liderança.

Proponho seja discutida e aprovada a seguinte resolução:

a) - A Faculdade de Medicina da U.S.P. poderá manter, no Conselho Deliberativo do Hospital Universitário, como seu representante, o(s) membro(s) que para integrá-lo forem eleitos pelo Conselho Universitário;

b) - A Faculdade de Medicina da U.S.P. não manterá nenhum outro membro do seu corpo docente nos Serviços do Hospital Universitário, sendo a sua colaboração a esse Hospital restrita à presença do seu representante no Conselho Deliberativo;

c) - A Faculdade de Medicina da U.S.P. não utilizará as instalações e serviços do Hospital Universitário para o ensino dos alunos matriculados no seu curso de graduação, os quais terão seu ensino clínico integralmente ministrado no seu Hospital das Clínicas, do 5º ao 12º semestre inclusive;

d) - A Faculdade de Medicina da U.S.P. não indicará docentes do seu quadro para chefias ou atividades didáticas ou assistenciais no Hospital Universitário. Os docentes que eventualmente forem convidados ou contratados para fazer parte do corpo clínico do Hospital Universitário serão desvinculados das suas atividades docentes na Faculdade e comissionados junto ao Hospital Universitário.

São Paulo, 24 de Agosto de 1981



Luiz Edgard Puech Leão

Professor Titular do Deptº de Cirurgia
Disciplina de Cirurgia Vascular

QUEREM REDUZIR NOSSAS VAGAS E É NA RESIDÊNCIA!



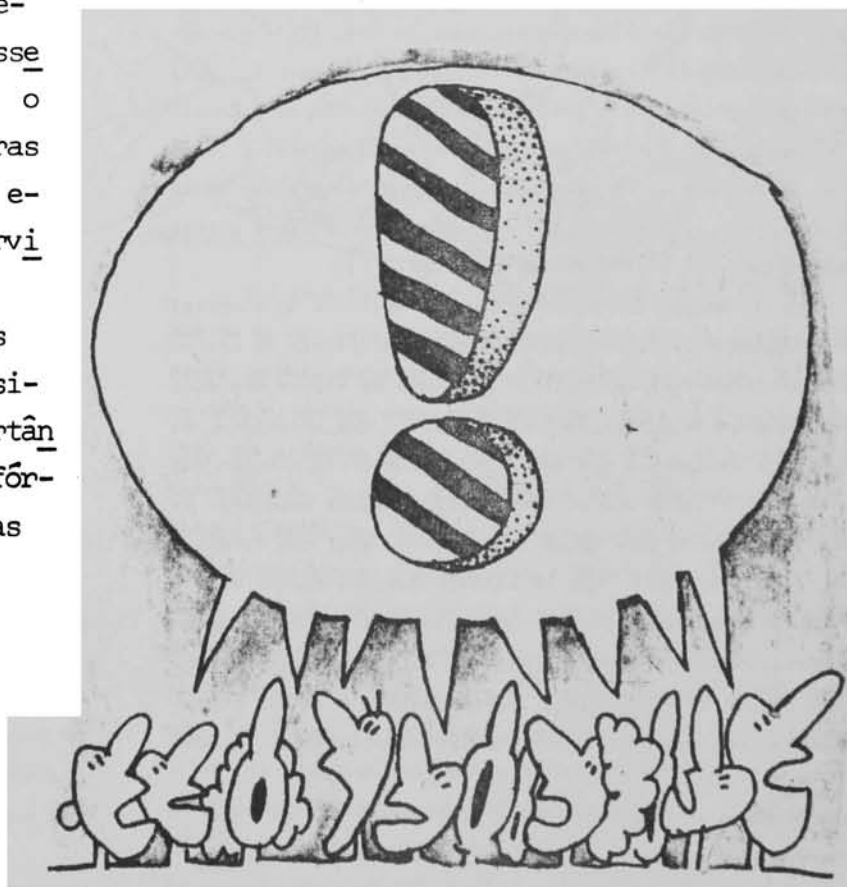
O movimento nacional dos residentes conquistou, este ano, uma de suas principais reivindicações: a regulamentação da residência. O projeto sancionado pelo presidente, se não corresponde integralmente às expectativas, pelo menos assegura alguns direitos importantes, como o vínculo trabalhista com limite de horas de trabalho, direito à férias, salário equivalente ao da carreira inicial no serviço público, entre outras.

Quase imediatamente, os setores que nunca se interessaram em dar aos residentes a compensação equivalente - importância de seu trabalho, passam a procurar fórmulas e mecanismos de "relativizar" estas conquistas.

É por isso que já se escuta por aí no HC rumos em torno da necessidade de reduzirem-se as vagas da Residência, para poder arcar com os encargos. A alternativa seria o aumento das vagas em "outras modalidades de estágio" - em síntese: o mesmo trabalho e menos direitos.

Abstraindo-se falatório sobre "as boas intenções, mas ausência de condições" (o que não é difícil, já que nossa experiência é farta com belas palavras), o que resta é a clara intenção de preservar a exploração do trabalho do Residente.

Isto colocado dentro do contexto mais amplo do movimento dos médicos pela defesa da dignidade da profissão representa mais um campo de luta. A efetivação dos direitos conquistados depende da pressão não só dos residentes, mas também dos demais médicos e nós estudantes, no sentido de evitar qualquer tipo de "manobra".



XIII ECEM

SAÚDE: CONQUISTA POPULAR

O ECEM é realizado anualmente e reúne estudantes de todo o país. Neste encontro são discutidos vários assuntos relacionados com o tema central que em 81 foi "Saúde: Conquista Popular"

No encontro há mesas-redondas e painéis, nos quais os profissionais de saúde, representantes de categorias profissionais e também várias pessoas ligadas a outros movimentos (movimento contra a carestia, Brasil Mulher, movimentos populares) expõem suas idéias e posteriormente há o debate com todos os presentes.

Há os grupos de discussão, onde os estudantes se reúnem para debater diversos assuntos. Da discussão de cada grupo sai o relator e este, juntamente com os outros relatores elaboram o relatório final sobre cada tema discutido. Esses grupos permitem a boa integração entre os estudantes e também uma discussão bastante rica em informações, pois cada estudante relata as particularidades de sua região ou estado.

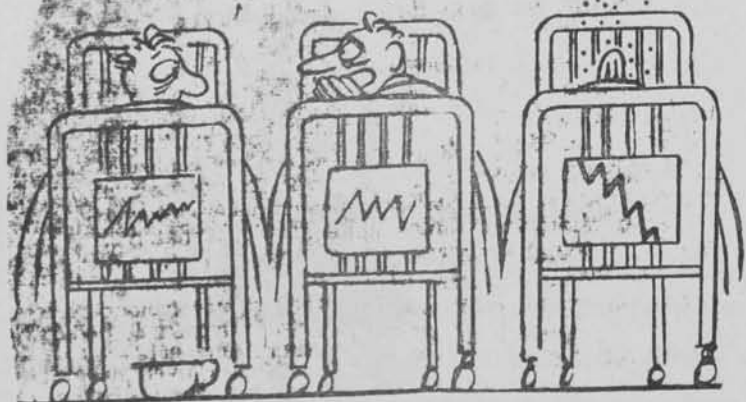
Há também a apresentação de trabalhos científicos pelos estudantes e uma série de cursos que são ministrados geralmente por profissionais de saúde, como por exemplo: questão do menor e da mulher, saúde comunitária, homeopatia, psicodrama, saúde e educação popular, etc.



O que aconteceu no XIII ECEM:

Na mesa redonda discutiu-se a questão de saúde e os movimentos populares. A saúde foi vista como resultado de uma série de fatores: salário, transporte, moradia, alimentação), saneamento e como tal faz parte de quase todos os movimentos reivindicatórios da população. Tendo em mente essa visão mais ampla de saúde, discutiu-se a formulação de uma prática alternativa de saúde, a fim de que a medicina passe a servir aos interesses da população. A formulação dessa prática se daria em 3 níveis: 1) através do nosso trabalho em comunidade, discutindo junto com a população; 2) através da atuação conjunta de médicos, estudantes e outros profissionais, formando uma equipe que trabalhava junto à comunidade; 3) através da participação em nossas entidades (CAs, DCEs, UEEs, UNE), questionando a nossa formação profissional.

É UM CASO
SERÍSSIMO. ODEM
ATE' QUE NÃO HA'
A MÍNIMA ESPERANÇA:
- O MÉDICO DELE
FOZ UM DAQUELES
CURSOS NOTURNOS.



Sobre o ensino médico, discutiu-se que a nossa formação sofre grande influência de grupos econômicos (empresas de medicina, indústria de medicamentos e aparelhos), que tem interesses bastante diferentes dos interesses da população. O currículo visaria formar especialistas, fato inviabilizado pela falta de verbas: daí o estudante "optaria" pela procura de plantões e também pela própria residência como forma suplementar o ensino diferente. O médico formado nestas condições, depende de toda uma estrutura de apoio (exames laboratoriais, RX, etc.) que contribui para sua permanência nos grandes centros, levando ao inflacionamento do mercado de trabalho

e como consequência o barateamento da mão de obra e o aviltamento do trabalho médico. Considerando-se estes aspectos, discutiu-se como intervir numa reformulação curricular: através da nossa participação nos órgãos de decisão da Universidade, em nossas entidades estudantis, junto aos movimentos populares e junto também com todos os setores realmente interessados na melhoria das condições de saúde da população.

Foram discutidos outros temas bastante polêmicos como o Prev.-Saúde, planejamento familiar, a crise na Universidade, etc.



PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO

O movimento estudantil continua buscando as formas de combater o avanço do ensino pago, a nível superior. A importância é ainda maior quando, nas escolas particulares os aumentos de mensalidades obrigam um número razoável de estudantes a abandonar os estudos e a maioria a fazer malabarismos para pagar a escola. Nas escolas públicas, ao mesmo tempo em que se imõe uma política de sufoco, com corte de verbas, propagandeia-se a implantação do ensino pago.

Procurando superar a ausência de

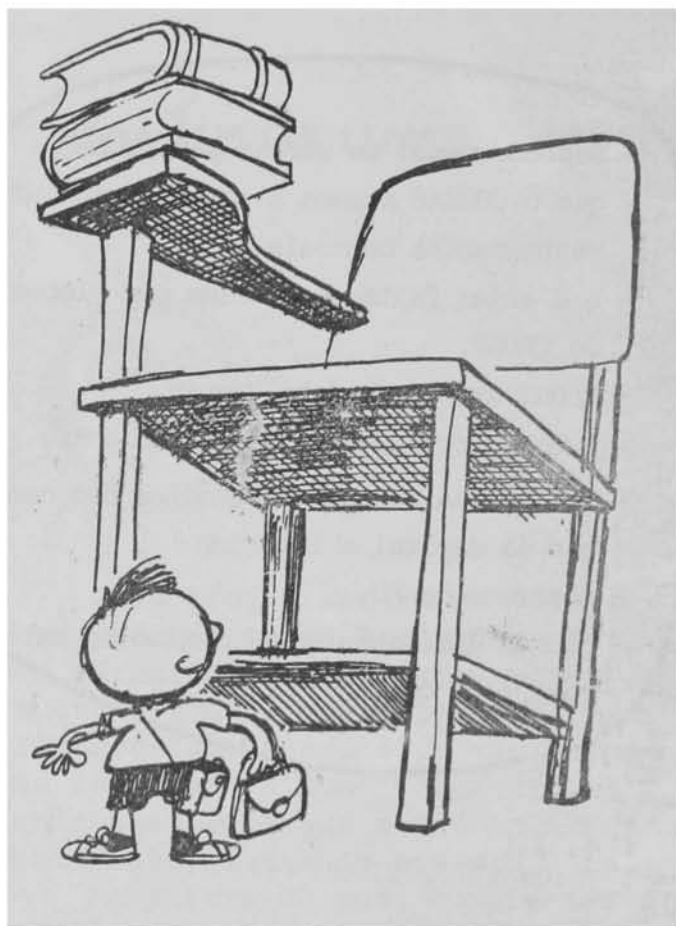
uma resposta unificada a isto, foi realizado no início deste semestre o 2º Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE que reuniu os centros e diretórios acadêmicos de todo o país.



No CONEB foi rediscutida nossa pauta de reivindicações e as possíveis formas de luta. As propostas iam desde a decretação da greve geral quase imediatamente até cruzar os braços e esperar. O que não se via era uma avaliação mais realista da situação nas escolas e disposição dos estudantes.

A proposta saída combina a indicação de greve nas escolas particulares, caso não sejam atendidas pelo MEC as reivindicações, com a mobilização nas escolas públicas por mais verbas e contra o ensino pago.

A intransigência do MEC já foi posta a prova, com a recusa do ministro Ludwig em receber as reivindicações da UNE. Agora nos resta responder com a nossa mobilização.



DCE - USP

O 1º CONGRESSO

Nos dias 4, 5 e 6 de setembro realizou-se o 1º Congresso do DCE com a presença de 221 delegados de quase todas as unidades que debateram questões como: as eleições do próximo reitor; os restaurantes universitários; os estatutos da entidade, a situação nacional entre outras.

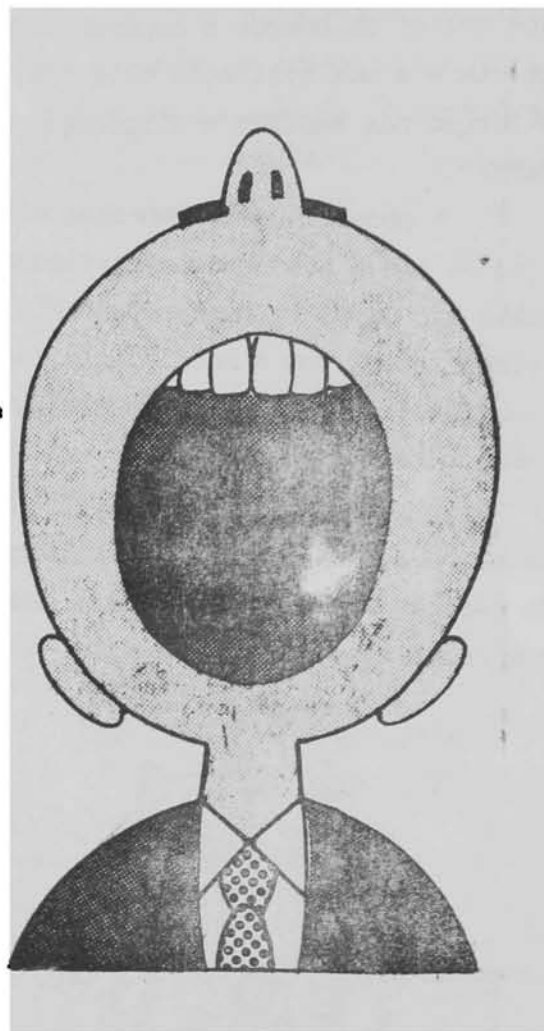
O Congresso deveria ser precedido por um processo de discussão das propostas e retirada de delegados nas escolas.

Na FMUSP, devido à intensa desestruturação por que passa o CAOC, este processo não foi encaminhado e portanto não tivemos delegados no Congresso, o que foi bastante lamentável, uma vez que se tratou de um momento importante para a unificação das lutas do conjunto de estudantes da USP e também para o fortalecimento de nossa entidade central.

No Congresso, foi tirado que o próximo reitor deve ser eleito diretamente por toda a comunidade universitária através de voto secreto em urnas. Esta questão será encaminhada da seguinte maneira: - em um Congresso da USP (que deverá ser marcado pela diretoria do DCE juntamente com os diretores da ADUSP e ASUSP) em que participarão alunos, professores e funcionários, deverá ser aprovado um programa para o futuro reitor e será indicado um membro da comunidade que estiver disposto a executar este programa. Este seria o candidato das 3 categorias para concorrer com outros possíveis pretendentes ao cargo.

Foram também aprovadas as seguintes reivindicações que deverão ser entregues ao reitor pela diretoria do DCE: -

- Suplementação de verbas para a USP
- que o COSEAS assuma a administração dos restaurantes centrais
- que sejam feitas melhorias nos blocos do CRUSP
- arquivamento do jubramento.
- que o circular 2 volte a funcionar.
- melhora da assistência médica nos campus da capital e interior
- abertura do HU.
- Fim da limitação ao nº máximo de matérias para o aluno cursar.



Com relação ao estatuto do DCE foram aprovados os principais pontos:-

- definição do quórum para as Assembléias Gerais da entidade (5% dos alunos matriculados na USP).

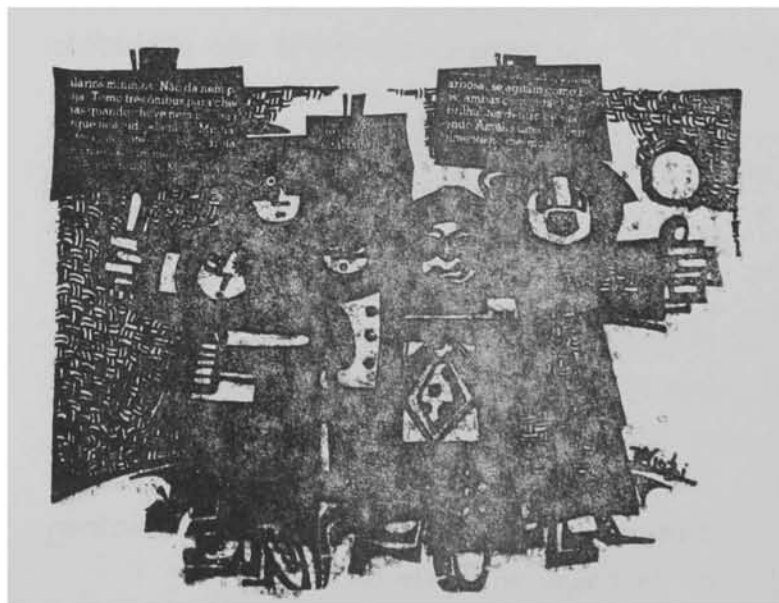
- reafirmação das instâncias de deliberação:- Congresso, Assembléias Gerais; CCA (Conselho de Centros Acadêmicos) e a diretoria, em ordem decrescente.

O Congresso aprovou também a realização de uma greve no dia 1º de outubro em solidariedade aos trabalhadores que neste dia estarão em greve.

Por decisão do Congresso da UNE em Piracicaba, no ano passado, nossa entidade nacional é filiada à UIE (União Internacional dos Estudantes) No semestre passado, foi formada uma entidade alternativa, a AIE (Associação Internacional de Estudantes) que terá seu congresso de fundação em novembro, em Varsóvia, criando uma polêmica entre as 2 entidades.

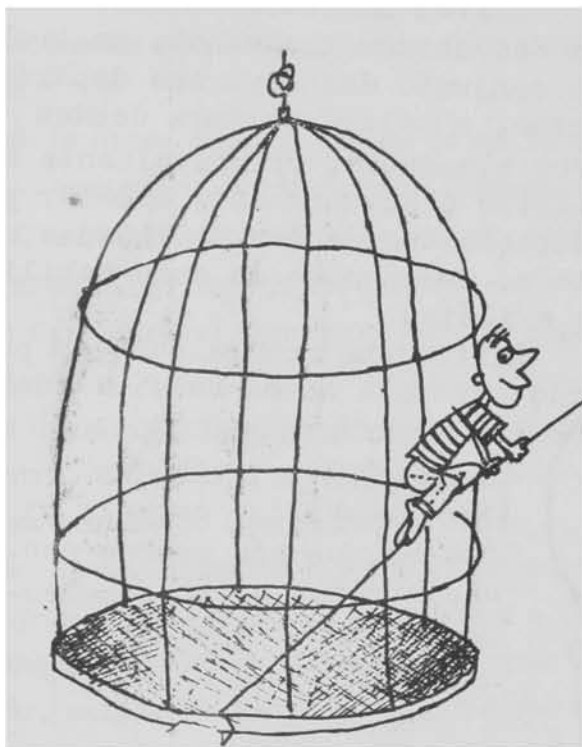
O Congresso do DCE tirou uma indicação para que a UNE participe do congresso da AIE.

Todas as decisões do Congresso deverão constar em um boletim informativo que está sendo feito pela diretoria do DCE.



AUTORETROTE

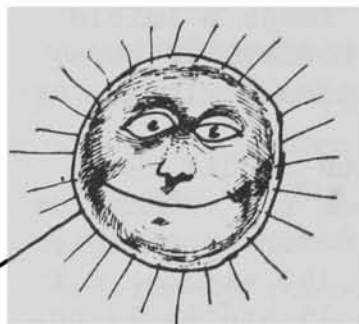
o plantio de uma semente



Mediante uma constatação óbvia para todos nós, estudantes e perambulantes do porão da FMUSP: a situação caótica do CAOC, pensávamos no que fazer.

A nossa avaliação ia um pouco além das esferas da FMUSP, chegando à crise existente no país, onde a situação, de tão preta, chega a nos deixar de mãos atadas. Quer dizer, sofremos pressões fortes de todos os lados (particularmente de cima) que muitas vezes, sem forças, não sabemos por onde começar, o que fazer.

Na escola, as agravações de sempre, mudanças de currículum, aulas sem nada a ver, poucos professores interessados pelo ensino, redução de vagas na residência - ao ponto que, parece-nos o melhor, aproveitar qualquer tempo livre para estudar, estudar, na esperança de suprir as deficiências do nosso ensino, esquecendo nos, porém, que estamos prorrogando um problema que mais cedo ou mais tarde vamos enfrentar: o SISTEMA DE SAÚDE do país.



Para nós, o Centro Acadêmico é o espaço que temos inclusive para nos formarmos enquanto pessoas e médicos, e juntos podemos enfrentar situações que à primeira vista parecem sem saída e nos recuperarmos desta anestesia que nos é aplicada lentamente, deixando-nos apáticos.

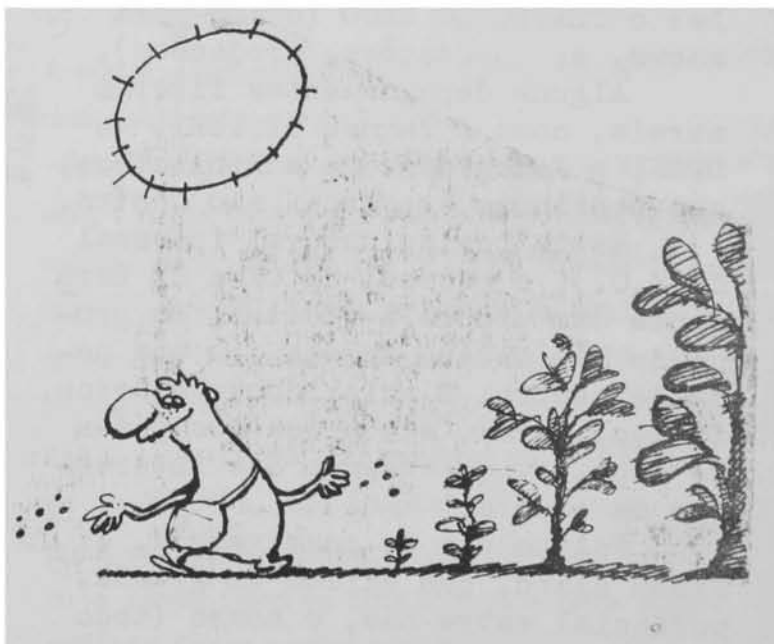
No início do ano, como é tradicional, foram realizadas as noites dos departamentos, contando com uma mínima participação.

Já estávamos no meio do ano, e os primeiro anistas (vulgo calouros) não sabiam bem da existência destes departamentos no C.A.

Foi aí que surgiu a idéia de se fazer um novo trote - o RETROTE.

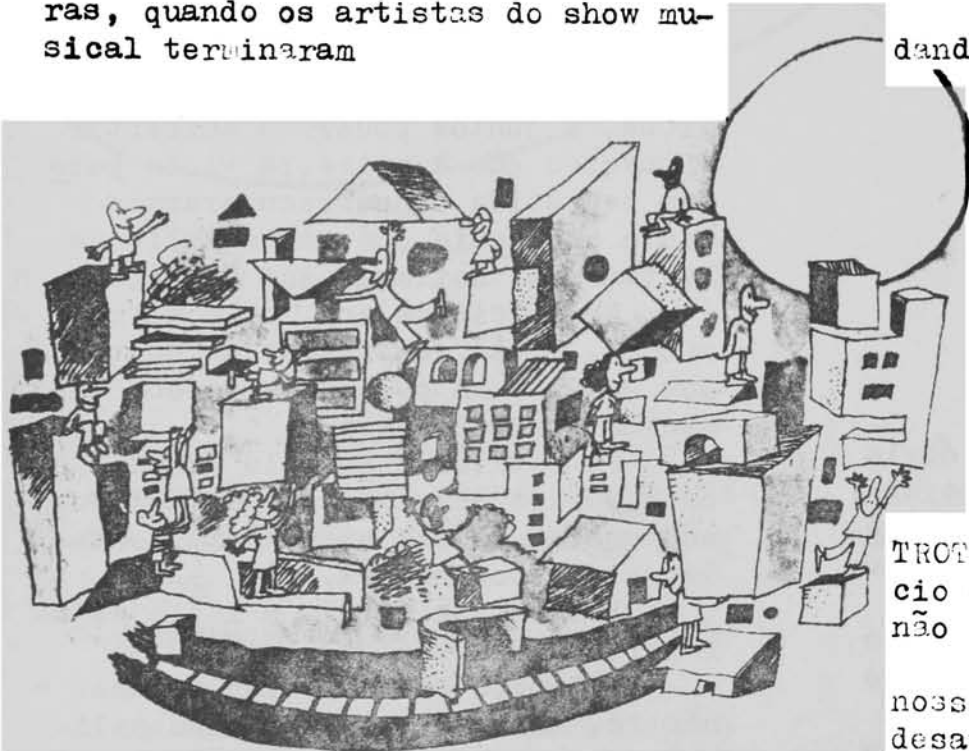
O Centro encheu-se de faixas, e não só, mas nas suas diversas salinhas, uma certa movimentação, inexistente até antes, começou a acontecer.

A intenção não era (que ingenuidade) resolver os nossos problemas



através de uma festa- mas sim, que este acontecimento fosse o início para alguns e uma aceleração para outros, de um trabalho sério nos departamentos.

E foi assim que no dia 29 de agosto (chuvoso após uma semana de sol) pleno sábado à tarde, o Centro viu-se povoado por 150 alunos, mais ou menos, desde às 15 até às 22 horas, quando os artistas do show musical terminaram



Pudemos ver que não é tão difícil revelar ou tirar uma boa foto, percebemos que espaço valioso temos e com que cuidado devemos preservá-lo: o TEATRO DO CAOC (ótimo para shows, apresentações, projeções).

Alguns departamentos fizeram murais, como o famoso BISTURI, o DPMS, o Fotográfico e a Biblioteca, que continuam expostos pelo Centro.

Havia comida natural (pessoal da T.O.), o pessoal da Casa do Estudante com pipoca e quentão. Um grupo de São Mateus apresentou uma peça de teatro. E mais: documentários, filmes, coral, situações que podem se repetir, dependendo dos interesses da escola.

Foi um dia de convivência, e ficou claro, que existe um grande potencial entre nós, e nosso (todo o nosso espaço).

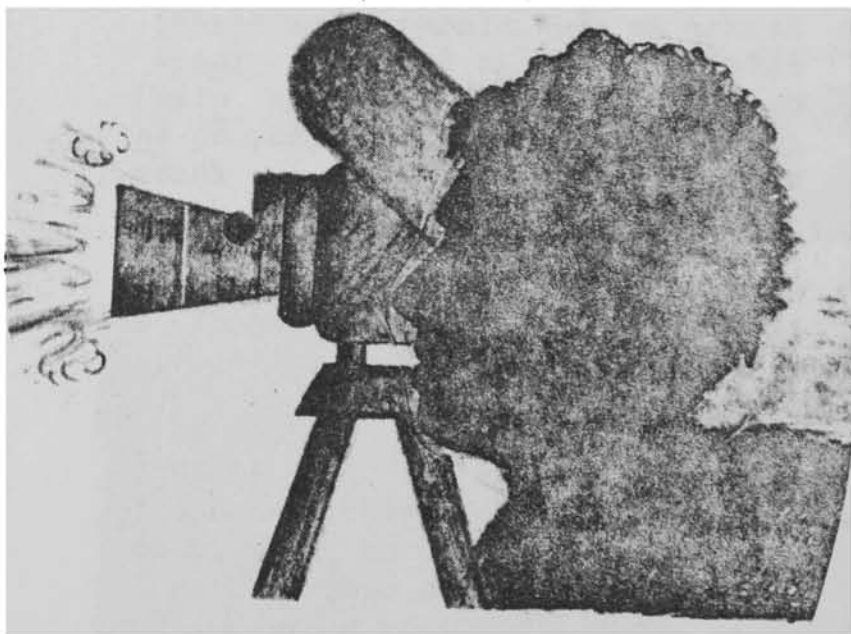
O que nos falta então?

Talvez um pouco de sistematização dos nossos trabalhos, um trabalho conjunto dos diversos departamentos, a maior abertura destes a novos elementos, principalmente do primeiro e segundo ano, a maior participação destes nas atividades do Centro, desenvolvendo suas habilidades e idéias.

Enfim, que nos mexamos um pouco dando espaço à nossa sensibilidade, abrindo um pouco nossas consciências e que nos responsabilize os pela situação que nós mesmos nos encontramos e não simplesmente passar a bola a outros.

Como já dissemos antes, o RETROTE foi apenas um início. Um início diferente, movimentado, mas que não tem um fim em si só.

O Retrote tem que existir no nosso dia a dia, à medida que nos desapegamos de algumas particulari-



dades nossas, e valorizamos outras, para um trabalho criativo e conjunto, e possamos ser, na prática, alunos e colegas da gloriosa FMUSP.

XEROX'S uma questão de bom senso

- O serviço de XEROX do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o chamado XEROX'S, está funcionando na cooperativa do CAOC desde maio.

A idéia desse serviço nasceu de um fato muito concreto: o contrato da Copiadora CAOC (aquele outro xerox instalado perto da escada, em frente dos quadros de avisos das classes) terminava naquele mês. Foi pensando, então, que se instalássemos um XEROX administrado pelo próprio Centro, poderíamos prestar mais um serviço à comunidade do Quarteirão da Saúde e, além disso, reverter o dinheiro arrecadado para a manutenção da entidade e a realização de novas atividades que antes de tudo, exigem dinheiro (como as feiras de discos, feira de livros, filmes) e para a preservação do espaço físico do Centro (como a tão sonhada melhoria nos banheiros).



Mas a coisa não foi tão simples assim. Os donos da outra copiadora simplesmente se negaram a sair, mesmo com contrato vencido; ignorando a disposição da diretoria em não renovar este contrato - isto é, passaram a permanecer ilegalmente naquele espaço perto da escada. Nossa resposta foi a entrada com pedido de despejo à Justiça - e é só uma questão de tempo para que o despejo seja homologado.

Enquanto isto, trava-se uma batalha acirrada pela freguesia. A Copiadora-pirata oferece preços baixos e descontos "fabulosos" (o que ninguém sabe é que os donos dessa copiadora possuem outras máquinas instaladas na PUC e que podem se dar ao luxo de perder dinheiro aqui - pois recuperam no facilmente com os lucros que obtêm em suas outras unidades na PUC)

A nossa Copiadora - o XEROX'S - entretanto, possui uma aparelhagem de fotocópia de qualidade muito superior (da própria fábrica "XEROX"), capaz de fazer cópias perfeitas, que não desbotam com o tempo como as das máquinas NASHUA, usadas na copiadora-pirata. A grande vantagem do XEROX'S, entretanto, é a redução. Uma cópia reduzida tira duas páginas dos nossos livros e cadernos pelo preço de uma (se a reduzida custa Cr\$ 6,00, na verdade cada cópia sai por cr\$ 3,00).

A cópia simples custa cr\$ 4,00, mas é de uma qualidade surpreendente.

-Surge, então, um impasse: qual dos XEROX usar: a copiadora-pirata, que é (aparentemente) mais barata, ou o XEROX'S, que também é (na realidade) barato e de qualidade superior? A copiadora-pirata que está ilegalmente no nosso Centro, sob mandato judicial, cuja renda não reverte para o CAOC ou o XEROX'S, uma iniciativa de nossa própria entidade, administrada por nós mesmos, cuja renda reverte inteiramente para o benefício dessa mesma entidade?

- A questão não é simplesmente econômica como parece numa primeira pincelada. Ela passa também pelo ideológico, isto é, pelo nosso modo de ver as coisas: usar o XEROX DO CAOC é uma forma de fortalecer a nossa entidade, pois o fortalecimento de uma entidade estudantil passa também (é óbvio) pelo econômico. Usar o XEROC'S é uma questão de bom senso: melhor serviço, qualidade superior, preços baixos, redução e acima de tudo, é uma iniciativa nossa, que permitirá ao CAOC através do respaldo financeiro - continuar sendo uma entidade forte, combativa, respeitada; um centro de debates e atividades culturais, além de um espaço de lazer e de serviços (barbeiro-lan-



chonete-livrarias-banca-xerox) aos estudantes e à comunidade do quarteirão da saúde.

USE O XEROX DO CAOC - O XEROC'S
FORTALEÇA SUA ENTIDADE!
USE O SEU BOM-SENSO!
USE O XEROC'S

NOVELA DAS 80:

MARIO RAMOS BAILA NA CIRANDA DO C.O.

Mais um capítulo da novela das 80. Isto mesmo das 80 e não, das 80. Cena única; Local: Congregação da Casa de Arnaldo.

Com a palavra o prof MRO que traz à cena o prof Wanderley Nogueira, digno representante no Conselho Universitário. Este então faz uso da palavra para comunicar que o Conselho, na última reunião possível (questão de prazo), rejeitou a proposta desta casa de redução em 82.

E mais, o momento culminante da noite, disse que o C.O. um ato de lucidez desatino não só não aceitaria propostas

futuras de redução, como teria que se esforçar para que as vagas não aumentassem.

"É lucidez desatino, de ler no próprio destino, sem poder mudar-lhe a sorte"

Em vista de tão contundentes afirmações, fica a novela postergada ao futuro, sendo o desenlace mais provável, já que 82 é ano eleitoral, ouvimos o canto de cisne de MRO.

Afinal um homem com princípios e disciplina tão rígidos não esmoreceria frente a um empecilho tão pequeno como a quem sabe casual lucidez do Conselho Universitário.

Plim Plim.

MÉDICO TAMBÉM FAZ GREVE!

Quem diria Médicos fazendo greve.
O que será que está acontecendo?

Até há pouco tempo, os médicos foram profissionais liberais. Embora grande parcela da categoria ainda não se reconheça como explorada e continue mantendo o sonho de um dia ter seu consultório, vemos que cada vez mais ocorre o assalariamento. Assim, hoje pelo menos 70% dos médicos têm no mínimo uma relação de assalariamento.

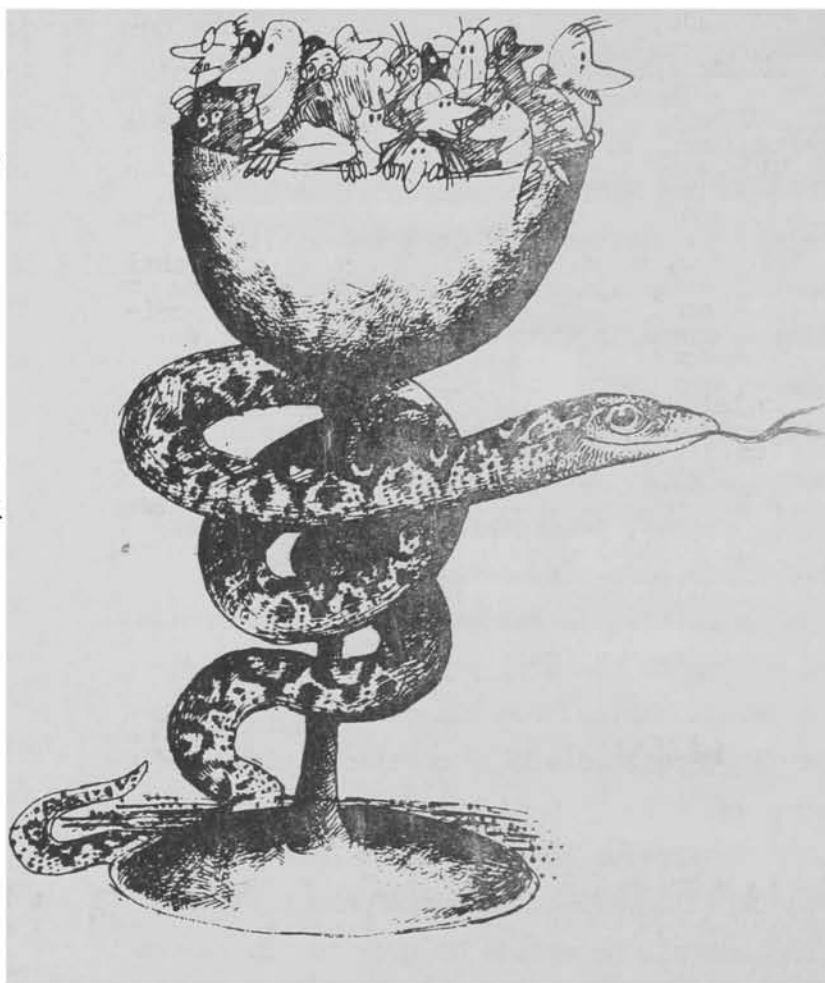
A piora progressiva das condições de vida e trabalho está remetendo a categoria à luta.

E por que lutam os médicos?

Reivindicações

- 1 - Salário profissional médico corresponde a 10 salários mínimos regionais por 20 horas semanais, para os médicos em início de carreira;
- 2 - Reposição do valor legal da US com equivalência à centésima parte do maior salário mínimo vigente, ao mesmo tempo em que propomos uma reformulação desse sistema de pagamento;
- 3 - Cumprimento das leis que estabelecem o pagamento do adicional de insalubridade a todos os médicos com base no salário real, adicional de trabalho noturno e gratificação por horas extras.
- 4 - Reajuste semestral do salário;
- 5 - Restabelecimento da gratificação de 25% de nível universitário.
- 6 - Reposição salarial conforme os índices do DIESE (142%) a partir de 01/01/81;

- 7 - Melhoria das condições de trabalho;
- 8 - Aprovação do projeto da Lei Especial do Médico e regulamentação didático-trabalhista da Residência Médica, segundo o substitutivo elaborado pelos médicos residentes.



Começa a tomar corpo no movimento médico a certeza de que a melhoria das condições de trabalho e a melhoria do atendimento à população dependem das transformações da atual sistema de saúde, e que para ocorrer uma transformação que corresponda a estes aspectos é necessário que a categoria reconheça como aliados o restante explorado da população, assumindo conjuntamente a luta que também é sua pela mudança radical do sistema de saúde, onde o Estado assumira integralmente a atenção à saúde e não haja espaço para a utilização da doença como fonte de lucro e que haja mecanismos de controle por parte da população sobre a distribuição de recursos e sobre os serviços prestados.

SINDICAL - ELEIÇÕES DOS METALÚRGICOS

Há cerca de um mês atrás, assistimos dois episódios marcantes na vida política do Brasil e mais especificamente de São Paulo: as eleições nos Sindicatos dos Metalúrgicos de São Paulo e do ABC.

Em São Paulo, mais uma vitória do peleguismo, do entreguismo representado por Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão", pelego-mor nestes anos de golpe militar. No ABC, mais uma vitória da consciência da classe operária contra as expectativas daqueles que querem manipulá-la e manietá-la mais uma vitória do sindicalismo autêntico com a eleição de Jair Neneguelli.

Mas, perguntarão, qual a importância disso para nós, estudantes da FMUSP, qual a relevância dessas vitórias e derrotas do movimento operário para a nossa realidade de estudantes? Por quê deve o Bisturi falar a respeito disto? A questão é clara e simples.

Trazer esta discussão para o meio estudantil e especificamente para a FMUSP é fundamental, na medida em que, nas lutas travadas pelos operários está implícita uma alternativa de organização para a sociedade, através dessas lutas está sendo questionado o direito de lucrar com a exploração do trabalho alheio e está sendo posta em xeque uma estrutura destinada a garantir privilégios para alguns e nada mais que a subsistência para outros.

Dizer que tudo isto não nos diz respeito soa bastante estranho.

É fundamental que nós, estudantes, acompanhemos de perto a luta dos trabalhadores por uma sociedade mais justa pois afinal de contas, nós fazemos parte dessa sociedade. É claro que nosso papel não é o de interferir nas lutas trabalhadoras: os próprios operários rejeitam nossa interferência direta.

Nosso papel é sim, acompanhar, participar e trabalhar ao lado desses operários para que um dia tenhamos uma sociedade justa.

Por isto interessa para nós a questão das eleições sindicais em SP e no ABC: nelas foram decididos os rumos do movimento sindical e operário para o próximo ano. Na situação em que se encontra o país, com o desemprego, a luta pela terra, a crise na Previdência Social, os boatos de uma "fechadura" no regime, é muito importante acompanhar de perto o movimento operário.

- Em São Paulo, tivemos a derrota da Chapa 2, encabeçada por Waldemar Rossi pela chapa 1, do pelego Joaquim. Há mais de dez anos, a Oposição Sindical tenta conquistar o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Mas o pelego, cercado de um esquema publicitário, dotado de recursos financeiros, assessorado por halterofilistas armados de correntes, acaba sempre ganhando, lícita ou ilicitamente.



A chapa derrotada levava o nome do operário Santo Dias da Silva, morto há quase dois anos pela polícia na porta da fábrica Sylvania.

Esta derrota demonstrou que o grande erro da Oposição foi ter-se dividido, formando duas chapas. Isto enfraqueceu muito e contribuiu para a derrota. Quando foi visto que a chapa 2 tinha reais possibilidades de vitória, tentou-se a reunificação da Oposição com a contagem dos votos da chapa 3, do deputado Aurélio Perez, no segundo escrutínio.

Entretanto, o pelego Joaquim, apoiado pelo governo e por setores que tudo fazem, tudo barganham pela vitória; munido de uma máquina propagandística poderosa e agressiva (ao menos no segundo escrutínio), conseguiu vencer devido aos votos dos aposentados, no "curral" eleitoral da Sede do Sindicato.

Foi uma real derrota que deve servir de lição aos setores de Oposição no Sindicato de São Paulo.

Entretanto, foi uma vitória perceber que a esmagadora maioria dos operários nas fábricas apoia o verdadeiro sindicalismo, pois nas fábricas a chapa 2 obteve uma votação excelente. Se Joaquinção conseguiu ganhar dessa vez, assestando sobre os votos dos aposentados, pode ele ficar certo de que o sonho de Santo Dias continua muito vivo e que logo o Sindicato de São Paulo será conquistado pelos autênticos representantes dos trabalhadores.

- Em São Bernardo, ao contrário, podemos sentir os frutos de um trabalho de base, que vem sendo realizado desde 1978. Os movimentos de 78, 79 e 80 realmente contribuíram para forjar nos operários do ABC uma verdadeira consciência sindical.

A intervenção no sindicato, a cassação de seus dirigentes, nada impediu que de novo os operários fizessem ouvir sua voz e retomassem o seu sindicato na mesma linha de ação da diretoria cassada.

No ABC venceu a chapa 1, com Jair Meneguelli, derrotando por esmagadora maioria a chapa 2, apoiada pelos mesmos que em São Paulo ofereceram seus préstimos ao pelegão Joaquim.

Foi o fruto de um trabalho maduro, junto às bases, foi uma prova da consciência dos operários metalúrgicos e uma real vitória do genuíno movimento sindical.

Rubens e Waguito



CONCLAT

Todos sabemos que os trabalhadores brasileiros são submetidos às mais diversas formas de repressão por parte dos patrões e seu governo.

Esta repressão traduz-se por baixos salários, falta de moradias, péssimo e caro transporte coletivo, horas excessivas de trabalho, desemprego, e ainda por cima cadeia e Lei de Segurança Nacional para os mais combativos quando tentam organizar-se para as suas lutas.

É para lutar contra esta situação que os trabalhadores brasileiros realizaram nos dias 21, 22 e 23 de agosto a I CONCLAT (1ª Conferência da Classe Trabalhadora), que é uma ini-

ciativa para a criação de um órgão de representação nacional dos trabalhadores, a CUT-Central Única dos Trabalhadores.

A CONCLAT contou com a participação de mais de 5.000 delegados, que representavam aproximadamente 1.000 sindicatos, associações e confederações de trabalhadores de todos os estados brasileiros, e aí se travaram importantes debates, tendo de um lado os tradicionais pelegos (lacaio dos patrões) e seus aliados (setores de esquerda do PMDB), que defendiam a construção da CUT a partir da cúpula sindical, muitos deles posicionando-se inclusive a favor do "pacto social" proposto pela FIESP, órgão de cúpula dos patrões; e de outro lado os sindicalistas combativos, ligados à oposição sindical, ao Partido dos Trabalhadores e à Igreja defendendo a construção da CUT a partir de uma plataforma de lutas a ser levada pelos trabalhadores nos próximos meses e que se recusam a encampar propostas do tipo "pacto social", posicionando-se a todo o momento pelas formas de organização e de luta que tenham como perspectiva o fim da exploração do homem pelo homem.

O sindicalismo combativo e autêntico obteve importantes vitórias, pois a CONCLAT rejeitou as propostas que defendiam o "pacto social" e aprovou a proposta de se preparar uma greve geral dos trabalhadores caso não sejam atendidas as reivindicações que serão entregues ao governo no dia 1º de outubro, dia nacional de luta contra o desemprego:

1. CONTRA O DESEMPREGO- estabilidade desde o 1º dia de trabalho; salário-desemprego; redução da jornada de trabalho mantendo o salário

2. CONTRA A CARESTIA- congelamento dos preços; escala móvel de salários; reforma agrária; salário mínimo real unificado.



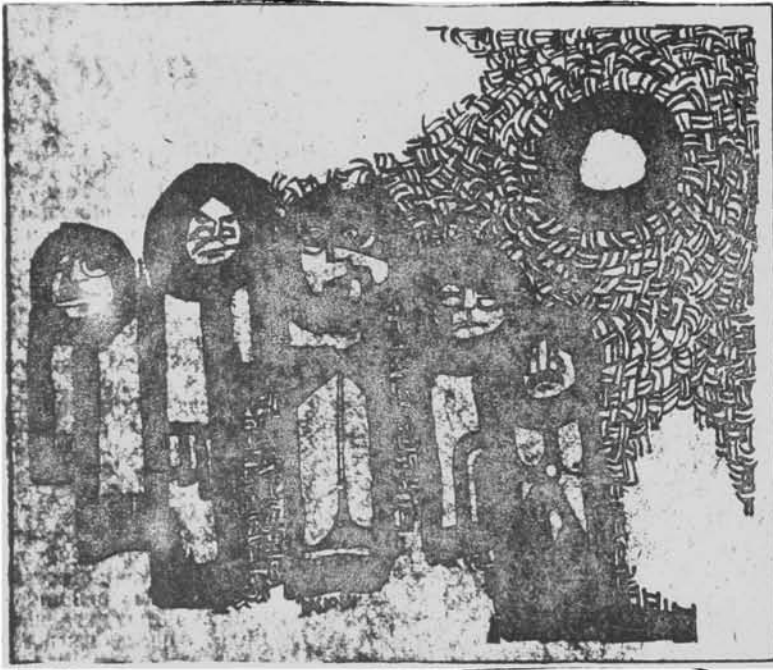
3. LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL-

Ficou estabelecida também como proposta da CONCLAT a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, precedida pela derrubada de regime militar, convocação esta que deve ser feita pelas forças que se bateram por estas lutas.

Ainda a CONCLAT elegeu uma comissão composta por 54 membros com o nome de COMISSÃO PRÓ-CUT, que tem como funções a coordenação das lutas aprovadas pela I CONCLAT e a convocação ao fim de 1 ano da II CONCLAT para a formalização da criação da Central Única dos Trabalhadores, a CUT.

Hélio, 4ºA

MARISTELA 3ºB



ALIENÍGENAS e INDÍGENAS

"Um dia, a cidade onde você mora desde tempos imemoriais é invadida por seres mais "civilizados". À força de armas poderosas que você jamais viu ou sonhou, seu povo é expulso. Quem resistir morre, quem não resistir morrerá a seguir de doenças desconhecidas, fome ou tristeza. Outros vagarão.

Dirão que sua música é bárbara e bárbara a vida feliz que você leva há milênios! Você trabalhava para si, passará a trabalhar para "eles" - e xingarão os arredios de vagabundos.

De repente ele imporão conceitos revolucionários: morais, econômicos, do simples cotidiano, etc. Zombarão de suas crenças, jogarão no lixo aquilo que faz de você um Homem digno deste "Jardim de Tupã"

Chamarão a isto de nomes bonitos como Progresso, Interesse Social, Processo Civilizatório. Batizarão ruas e praças públicas com o nome do povo extinto, em homenagem.

Em Vilhena, ainda não há uma "Rua Nambiquara" Mas o Índio já figura na capa da lista telefônica. Eram vinte mil no começo do

século, estão reduzidos a 650. Alguém vai mover uma palha para impedir o resto do extermínio?"

Extraído do livro "Mão branca contra o povo cinza"

Vicente Carelli e Milton Severiano
Editora Brasil - Debates.

VI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES INTERESSADOS EM HOMEOPATIA

O ENEIH realiza-se anualmente, objetivando a difusão desta terapêutica, principalmente entre os estudantes e profissionais da área de saúde. O I ENEIH realizou-se no RJ e o foi o ponto de partida para uma efetiva organização dos estudantes interessados em Homeopatia. A partir daí, surgiram inúmeros grupos de estudo em todo o país.

O VI ENEIH será realizado em janeiro de 82, em Curitiba-PR. Haverá conferências e amplos debates sobre a prática da Homeopatia em nossa realidade social, a problemática da produção e venda de medicamentos homeopáticos e os princípios desta terapêutica.

Em todos os encontros nacionais da área de saúde, a Homeopatia está sendo divulgada e talvez no próximo encontro se realizem até cursos paralelos para o aprofundamento desta terapêutica em cada profissão especificamente.

Maiores informes sobre a data, local e pauta do VI ENEIH serão divulgados posteriormente.